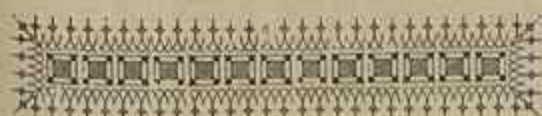


# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º A entrega	20.º Anno — XX Volume — N.º 662	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	690	120	20 DE MAIO DE 1897	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE sem o que não serão attendidos.— Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



## CHRONICA OCCIDENTAL

O promettido é devido, e por isso começarei esta chronica por fallar da peça historica *O Regente*, preferencia tão justa quanto é certo que nos ultimos tempos poucas obras theatraes merecem que a critica se ocupe d'ellas.

A decadencia no theatro é manifesta, como aliás em todas as produções da arte. O theatro desceu ás ultimas abjecções e em vez de ser boa lição para o povo, em vez dos auctores irem arrancar ás paginas da historia ou a imaginação fecunda bons temas para desenvolver na scena e n'ella brilhar pelo talento, tem trazido para o palco as produções de espiritos doentes, sem elevação nem arte, sem gosto e sem pudor, transformando o theatro n'uma feira de miserias, n'um lupanar demoralizador e dissolvente, que não é certamente a melhor lição nem o melhor exemplo e com que tem cavado mais fundo a demoralisação da sociedade.

Hoje no theatro a maioria das peças são impudicas, deshonestas, exaggerando todos os ridiculos humanos, pondo em relevo as suas miserias e com tudo isto fazendo rir os espectadores, que saem do theatro tão ignorantes como para lá entraram e apenas um pouco mais inconscientemente cynicos.

Os empregarios já não querem levar á scena peças em que a linguagem não seja sufficientemente desbragada, as situações de duvidosa moralidade e em que as actrizes se apresentem levemente vestidas, ou melhor, livremente despidas, de forma que a plasticidade seja um dos maiores attractivos da peça, para as vistas cupidias do espectador.

N'alguns theatros chega isto a ser o unico aperitivo para o publico. Espectaculo para os olhos e para o sensualismo. A arte não tem ali nada que fazer. Meia duzia de phrases chulas, outras tantas scenas indecorosas, quaesquer vistas scenographicas disparatadas, meia duzia de trapos, e eis um espectáculo para chamar publico, para rir, para bestialisar.

O assumpto é vasto e está sendo preciso tratá-lo largamente, o que decerto não se pode fazer nos estreitos limites de uma chronica, cujo fim é relatar o que vai succedendo n'esta pequena parte do mundo que se chama Lisboa.

O que escrevo é apenas o resultado da impressão que me fez a peça *O Regente*, comparando o que vai por outros theatros, em relação ao theatro de D. Maria, theatro em que ainda se presta culto á arte, onde se exploram ainda as peças historicas, conscienciosamente e onde o publico aprende alguma coisa, reunindo assim o util ao agradável.

E que vasto campo offerece a historia patria ao dramaturgo que a queira explorar, recheada como está de factos altamente dramaticos e tragicos dos tempos das cavallarias e das aventuras, em que Portugal occupou o primeiro logar.

A cada passo se deparam quadros que, por assim dizer, basta saber copiar, como agora o fez o sr. Marcellino Mesquita, da chronica de Ruy de Pina.

E é talvez o senão que encontrei no *Regente*, o do seu talentoso auctor e provado dramaturgo se cingir tão estrictamente á chronica quanto lhe permittiam as condições scenicas a que uma obra theatral tem de obedecer, deixando passar quasi despercebido o amor do joven rei D. Affonso V por sua mulher e prima D. Izabel de Lancastre,

amor que foi um dos maiores obstaculos que os inimigos de D. Pedro tiveram que vencer para atearem no coração do rei o odio contra o honrado infante.

Tambem o auctor não insistiu na lucta que devia existir no coração de esposa e de filha, ao querer defender a innocencia de seu pae ao mesmo tempo que tinha de respeitar os direitos do rei e esposo, que uma bem urdida intriga parecia pôr em perigo.

Talvez o auctor o fizesse de proposito, preoc



BISPO DE COCHIM D. JOÃO GOMES FERREIRA — FALLECIDO EM 3 DO CORRENTE

(Cópia de uma photographia do sr. Lambert & C.º)

cupado com modernismos de escola, mas se os tempos d'hoje se alogam n'um materialismo sem ideias, os heroes e a acção da peça são de tempos bem diferentes d'agora; são dos tempos das creanças, das aventuras da cavallaria, das acções arrojadas, tocando por vezes a loucura, das grandes paixões e dos grandes feitos, que de tudo ha na peça, e só falta ali um coração de mulher a animar as situações, que de mais acção dramatica, sem a qual não ha interesse bastante n'uma produção theatral.

Pela mesma razão que o auctor do *Regente* despresou certos promenores da chronica por os não poder accommodar á scena, podia, parece-me, bordar alguma coisa sobre a mesma chronica, para dar relevo á figura da rainha, a jovem senhora cujo thalamo conjugal foi tão salteado de desgostos e de luctas, alvo até de calumnias, que por vezes tentaram manchar a pureza do seu amor conjugal, chegando a levantar a suspeita no espirito de D. Alfonso que o camareiro-mór da rainha, D. Alvaro de Castro, era seu amante.

São cinco actos em que passa por deante do espectador uma pagina tragica da historia, mas que quasi o não commove nem lhe pesa, porque é mais uma narração de factos, sobre que são volvidos cinco seculos, do que a acção viva, emocionante, que resurja no palco e nos transporte em espirito á epoca em que aquelles personagens viveram, e com elles partilhemos do seu sentir, da sua vida das suas paixões.

O desempenho é magistral por parte dos artistas Brazão, infante D. Pedro, João Rosa, duque de Bragança, Augusto Rosa, Alvaro Vaz que são os tres personagens mais importantes da peça. Os mais artistas concorrem para um conjuncto harmonioso em que merecem tambem especial menção Ferreira da Silva no papel de Barredo, Henrique Alves, no de D. Alfonso V e Laura Cruz no de rainha D. Isabel de Lancastre.

O scenario, pintado expressamente para a peça, completa perfeitamente o quadro historico, até na vista do ultimo acto, que representa o arraial do infante D. Pedro junto ao ribeiro da Alfarrubeira, em que a paisagem tem todo o caracter local se é que os tempos não mudam a natureza como as ideias dos homens.

Manini estudou o logar da celebre batalha, ou antes embuscada, e transportou-o para a scena com toda a magia do seu pincel, dando ao quadro final da peça uma expressão de verdade em que mais realça a ultima scena, quando os vencedores veem sobre o cadaver do infante e Alvaro Vaz, já entre as vascas da morte solta aquella phrase que ficou lendaria: — Vingar ali villanagem!

O sr. Marcellino Mesquita fez uma peça de ficar, que todas as noites enche o theatro, prova de que o publico não tem o gosto completamente estragado e sabe apreciar o talento e a arte onde apparecerem.

E fallemos agora da exposição do Gremio Artístico que Suas Magestades foram inaugurar á Academia de Bellas Artes, no dia 15 do corrente, como é costume.

Uma novidade offerece este anno a exposição: a de se pagar a entrada, o que fará diminuir a concorrência dos meros curiosos a entulharem as salas, mas que deixará mais á vontade os que se interessam por estes certamens, para apreciarem as obras expostas.

Não sei se esta circumstancia influirá tambem na critica, ou nos criticos que com tanta furia tem atacado as ultimas exposições, mas o que de certo fará é com que não a descomponham de graça, embora mais se accendam em furia como já vão ardendo alguns.

A exposição este anno é menos numerosa em obras d'arte, mas mais selecta no que apresenta.

Nota-se a ausencia de Salgado, Condeixa, Raimalho, Freire, artistas que não expõe este anno e cuja falta é sentida; outros limitaram o numero dos seus quadros, como Malhóa e Vaz. Colação expõe pela primeira vez, me parece, no Gremio, e a sua exposição é das mais brilhantes.

El-rei D. Carlos nunca deixa de concorrer á exposição do Gremio, mostrando assim quanto apreço lhe merece esta agremiação de artistas. Expõe um bello quadro a pastel *Pôr do Sol*.

Precorrendo as quatro salas, em que se agrupam as obras expostas, depara-se na primeira com uma novidade de arte applicada: são uns esmaltes do sr. Arthur Lobo d'Avila. Na segunda sala domina um Christo crucificado, agonizante, de Columbano que tambem expõe uns retratos preciosos; dois bellos quadros de Malhóa, *Os oleiros* e *Passagem do comboio*; *Olaia em Flôr* e *Depois da trovoadá*, de Carlos Reis; umas deliciosas marinhas de Vaz, como a que tem por titulo, *No Tejo*; *Terras da Azóia* de Galhardo, etc. Na terceira sala, além do qua-

dro de El-rei, veem-se as esculpturas de Teixeira Lopes e de Augusto Santo, sendo de notar principalmente, a *Viuva*, uma commovente esculptura do auctor da estatua *Rainha Santa Isabel*, e o modelo para a porta da igreja da Candelaria do Rio de Janeiro, do mesmo auctor. Destacam-se ainda n'esta sala tres esplendidas aguarellas de Roque Gameiro, e um pastel, *Suror Marianna*, da sr.<sup>a</sup> condessa de Alto-Mearim. Na quarta sala e ultima os quadros de Jorge Colação, *D. Sebastião em Alcacer Kibir*, *Baptisado arabe* e *Espanya y sus cantares*; *Victor Wagner no seu atelier*, da sr.<sup>a</sup> D. Laura Sauvinet Bandeira; *Rozas, uvas e melancia*, da sr.<sup>a</sup> D. Josefa Grenó; *O avarento*, de José de Brito;  *Ao lar dos avosinhos* de José d'Almeida e Silva, etc.

E eis o que pude notar na rapida visita que fiz á exposição, despreocupado de criticas, que não são para os limites d'esta chronica, o que não quer dizer que o Occidente se não occupe d'este assumpto em artigo especial.

Logo na abertura da exposição se venderam os seguintes quadros e esculpturas:

Os *Oleiros*, de Malhóa, ao sr. Julio Peres, por 300.000 réis; a *Chegada dos barcos* (Nazareth), ao sr. J. R. por 80.000 réis; *Corroios*, ao sr. A. Silva, por 25.000 réis; a *Barrela*, de mademoiselle Zoé, ao sr. Augusto da Silva, por 100.000 réis; a *Costa de Caparica*, ao sr. J. R. e H. por 150.000 réis; o *Bébé*, (marmore) de Teixeira Lopes, ao sr. M. A. por 200.000 réis; o *Crepusculo*, de Malhóa, á sr.<sup>a</sup> D. E. Penalva, por 36.000 réis; o *Philosopho*, de Jorge Colação, ao sr. conde de Thomar, por 200.000 réis; o *Mentigo*, do mesmo auctor, ao sr. conde de Thomar, por 35.000 réis; e o *Porto de Faro*, de João Vaz, ao sr. A. G. da Silva, por 50.000 réis.

Foi uma boa estreia e prova de que o publico não é tão indifferente como se diz ás coisas d'arte. Avalia a presistencia e coragem com que o Gremio Artístico tem luctado contra as difficuldades e má vontade que se lhe tem levantado no caminho.

Pouco antes da Familia Real inaugurar a exposição, assistiu á sessão solemne do Albergue das Creanças Abandonadas, que não podera ter logar oito dias antes por motivo do lucto pesado da corte pela morte do sr. Duque de Aumale, tio de Sua Magestade a Rainha.

A Senhora D. Amelia, apesar de tão alanceada pela morte de parentes queridos, não quiz delongar por mais tempo aquella sympathica festa da infancia, que era como que um balsamo consolador para o seu coração amantissimo.

A festa d'aquellas creanças fez-lhe descerrar os labios n'um sorriso de bondade que exprime toda a suavidade da sua alma boa.

Para o seu animo caridoso nada de melhor podiam offerecer á Augusta Princeza, que vê os pobres orphãos, ainda ha pouco abandonados, sem protecção nem guarida, ali recolhidos, agasalhados pela caridade.

Foi uma festa a que se deu talvez uma demasiada imponencia, attento o seu modesto fim, diria um philosopho com o Evangelho na mão, mas o povo é que não dispensa estes aparatos e folga que os reis e altos dignitarios venham honrar as suas festas, partilhar das suas alegrias, como dos seus pezares, o que mais estreita os laços da familia portugueza.

Lynce.



## AS NOSSAS GRAVURAS

BISPO DE COCHIM D. JOÃO GOMES FERREIRA

Um telegramma recebido no dia 4 do corrente pelo sr. conselheiro Barros Gomes, digno ministro da marinha, trouxe a triste noticia da morte do Bispo de Cochim D. João Gomes Ferreira, um verdadeiro apostolo da religião christã na oceania portugueza e que, talvez ao seu incansavel zelo pelas missões n'aquella parte do mundo, deva a morte prematura, que na força da vida o arrebatou á patria e á religião, que tanto honrou e a que tão levantados serviços rendeu.

Conhecer a vida d'este prelado é saber d'uma vida toda de trabalho e dedicações, em que por dever consumiu mais do que é permittido a forças humanas. Mais de 20 annos de serviços prestados no Ultramar gasta a organização mais robusta e cansa o espirito mais tenaz. É uma vida

bem diferente da que se leva na terra natal; ali sob um sol abrazador, salteado por febres continuas, o europeu depressa se antiquilla e, ou tem de fugir para a patria, onde nem sempre recupera a saúde, ou paga com a vida a sua presistencia em climas que lhe são desfavoráveis. Foi o que aconteceu ao bispo de Cochim, de que va nos em breves linhas traçar a biographia, segundo as escassas notas que temos presentes.

D. João Gomes Ferreira, nasceu em Penafiel por 1851, filho do negociante sr. Antonio dos Santos Gomes e de D. Maria Ferreira.

Cursou o lyceu do Porto com notavel aproveitamento, distinguindo-se sobretudo no estudo da mathematica. Não seria, porém, o estudo das sciencias exactas o que mais lhe satisfaria o espirito, porque o seu coração bondoso chamava-o antes a contemplação das coisas de Deus, aos estudos theologicos e dogmaticos, para o que se sentia com natural inclinação. Assim, obedecendo á influencia d'um seu tio abbade, dedicou-se á vida ecclesiastica, para o que entrou no collegio das Missões Ultramarinas de Sernache do Bom Jardim, onde se distinguio pela sua applicação ao estudo, affirmando dotes de intelligencia pouco vulgares, e não menos raras virtudes d'um coração bem formado.

Em 1875 concluiu o curso ecclesiastico e tomou as ultimas ordens, sendo nomeado professor para o Seminario de Macau.

Principiava assim a sua vida de serviço publico no Ultramar onde tão util havia de ser, já no ensino ecclesiastico, já nas missões de que foi o mais decidido apostolo.

No Seminario de Macau leccionou a cadeira de theologia, de desenho e outras disciplinas, e por ultimo foi nomeado reitor, substituindo o bispo Medeiros.

O desejo, porém, de missionar, não lhe consentiu que se quedasse na cadeira de lente e antes quiz ir missionar em Timor, para o que pediu licença ao bispo D. Manoel Bernardo de Souza Ennes.

Foi por 1878 que principiou as suas missões na Oceania, espalhando a luz do Evangelho com copiosos fructos para a civilisação d'aquelles povos.

Encarregando-se da parochia de Dehli não só cuidou do bem espirital dos seus parochianos, mas ainda do bem temporal, porque organisou o registo parochial e fez a estatística da população de que ninguem havia cuidado até ali.

Precorreu toda a ilha de Timor missionando com a sua palavra cheia de fé por entre aquelles povos semi-barbaros, sem temor dos perigos, forte na sua creença e tão grandes serviços prestou á causa das missões, que foi elevado a superior da missão.

No reino de Manatoto concluiu uma igreja a que tinha dado principio o bispo Medeiros, chegando elle proprio a trabalhar no novo templo, como qualquer operario, na pintura decorativa da igreja. Concluiu tambem a casa destinada para escola, augmentou a casa da missão de Occussi e o collegio ou casa de beneficencia de Delli.

Dez annos se passaram de constante trabalho para o incansavel missionario, quando, em 1888 o surpreendeu a nomeação de bispo de Cochim, que se era o justo premio da sua dedicacão e amor pela causa da religião, era tambem uma segura garantia para o Estado pelo zelo e intelligencia com que sempre tinha pugnado pelos direitos e prerogativas da coroa de Portugal.

A alta dignidade de bispo em nada alterou a vida do modesto missionario e D. João Gomes Ferreira, foi tão prestante missionando os povos, como dirigindo e administrando a sua diocese, deixando um nome respeitado e querido no Oriente e na patria pelo muito que deve á sua honrada memoria.

O DUQUE DE AUMAIE

A grande catastrophe do incendio do Bazar de Caridade da rua *Jean Goujon* não victimou só aquelles que tiveram a desgraça de perecerem n'aquella enorme fogueira de carne humana, mas estendeu os seus effeitos, terriveis, desoladores para além das fronteiras da França indo ferir o coração de um velho respeitavel e respeitado, o duque de Aumale, que vivia na sua casa de Zucco, na Sicilia.

A noticia da morte de sua sobrinha a duquesa de Alençon uma das victimas da horrivel catastrophe de Paris, sensibilisou de tal modo o seu coração já profundamente affectado por uma lesão cardíaca, que o valente general de tantas batalhas succumbiu á dolorosa impressão moral que lhe produziu a morte da desditosa senhora.

Fez ainda esforços para aparentar serenidade de animo, no meio das pessoas que o rodeavam, mal dando a conhecer a grande dor que lhe opprimia o coração, mas as forças faltaram-lhe para resistir a tão duro golpe, e no dia 7 pelas duas horas da madrugada entregou o espirito ao creador depois de ter passado uma noite agitada.

O Duque de Aumale era o vulto mais sympathico d'essa dynastia destronada que se chama Orleans, e que tão larga historia tem na França e no mundo.

Filho do rei Luiz Philippe de Orleans; nascido em Paris, em 1822, época revolucionaria, em que a França e o mundo se agitavam, mal embainhada ainda a espada de Napoleão I, foi nos campos de batalha que elle primeiro engradeceu o seu nome, já respeitado pelo nascimento.

Foi um bravo general como soube ser um grande principe e um notavel escriptor.

Quando a revolução de 1848 destronava a sua familia elle commandava um exercito de 70:000 homens, na Argelia e a sua espada vencedora tinha dado mais de uma victoria á França e coberto de gloria os seus soldados.

O prestigio do seu nome impunha-se e poderia ter feito uma contra revolução, para o que tinha os seus soldados promptos a segui-lo. Não quiz, porém, atear a guerra civil. Depoz a espada e foi juntar-se á sua familia exilada em Inglaterra.

Não foi por decerto a cobardia que o deteve, mas o respeito pela vontade da nação, que elle amava acima de tudo.

Ainda em 1870 elle provou quanto amor lhe merecia a França, quando chamado a presidir ao conselho de guerra que havia de julgar Bazaine, elle proferiu uma phrase que ficou memoravel.

Bazaine defendia-se como podia das accusações que sobre elle pesavam pela vergonhosa capitulação que havia feito.

— O imperio tinha cahido, dizia Bazaine, a revolução reinava em Paris... os nossos exercitos estavam vencidos. Que podiamos fazer, se não restava coisa alguma?

— Havia a França, senhor! atalhou altivamente o duque d'Aumale.

E comtudo o duque d'Aumale assignava depois com os mais membros do conselho o pedido de indulto para a sentença que condemnara o infeliz general á morte.

Ainda outra prova do muito que o duque d'Aumale queria ao seu paiz é o importante donativo que fez, em 1886 ao Instituto de França dos seus dominios de Chantilly com os seus nove mil hectares de terras, o magnifico Castello dos Condes com as suas ricas galerias d'arte e preciosa bibliotheca, uma riqueza incalculavel, pelo valor material e intellectual que representa, resultado de muitos annos de paciencia e dispendio de capital, em recolher tantas preciosidades da arte e da sciencia, como só o poderia fazer um espirito superiormente illustrado e naturalmente artista.

Assim repartiu com a patria da sua immensa riqueza e quiz dar-lhe o que ella bem sabia apreciar como patria que é das sciencias, das artes e das letras.

Soube ser principe como soubera ser militar.

Homem de letras são importantes as suas obras desde a *Historia dos principes da casa de Conde* que lhe abriu as portas da *Academia de França*, até o *Cativeiro do Rei João*, o *Cerco d'Alesia*, os *Zuavos* e os *Caçadores a pé* que todas provam o seu elevado criterio, vasta erudição e bom gosto litterario. A *carta sobre a historia de França*, que em 1861, dirigiu ao principe Napoleão, fez uma extraordinaria impressão, em França.

Henrique Eugenio Philippe Luiz de Orleans, duque d'Aumale, era o quarto filho do rei Luiz Philippe de Orleans e da rainha Maria Amelia. Era tio avô de Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Amelia, e veio assistir ao seu casamento, em Lisboa, no anno de 1886.

O Duque d'Aumale morreu no seu palacio de Zucco, como se disse, uma propriedade de principe, onde elle vivia fóra das contendas politicas, entregue aos seus estudos litterarios e fazendo bem aos pobres, que hoje tambem pranteiam a sua falta como a de quem mais os favorecia.

O corpo do duque d'Aumale foi transportado a Paris, onde lhe toram prestadas todas as honras funebres, celebrando-se sollemnes exequias na igreja da Magdalena, a que assistiram o presidente da Republica, principes e princezas, generaes, membros do Instituto de França, ministros e prestou as honras militares a guarnição de Paris.

#### CONGRESSO DE DIREITO PENAL

Já estava composto o peultimo numero d'esta revista, quando tivemos noticia de que os congress-

sistas se tinham photographado em grupo no intervalo das suas ultimas sessões. A nossa gravura de hoje representa esse grupo de homens de sciencia, nacionaes e estrangeiros, que ha pouco se dispersaram, depois de um convivio de quatro dias de saudosas recordações para todos.

Fizemos logo tenção de voltarmos a fallar do congresso, facto sobremodo notavel para Lisboa, que d'elle pôde orgulhar-se sem vaidade, pela forma levantada e brilhante com que elle sempre correu; e ainda bem que este motivo nos dá ensejo agradável de pôr mais uma vez em relevo a elevada missão da União Internacional de Direito Penal no nosso paiz, corrigindo porventura alguns pequenos erros e preenchendo lacunas, que a imperfeição das primeiras notas não pôde evitar, mau grado nosso.

Aqui se reuniram em bom numero muitos d'esses devotados romceiros da sciencia, que se haviam já conhecido nos congressos anteriores de Bruxellas, de Berne, da Christiania, de Paris, e de Linz: na sua ultima assemblea geral, como modestamente lhe têm cbamado, vieram congregar-se em Lisboa representantes da Alemanha, da Austria, da Belgica, da França, da Hollanda, da Hespanha e de Portugal, e muitos mais viriam sem duvida d'estes mesmos paizes e de outros, se impedimentos e imprevistos insuperaveis da ultima hora os não tivessem obrigado a pôr de parte as suas resoluções. A União, conta hoje milhares de associados no velho e no novo mundo, apesar de fundada só em 1880, e de no seu primeiro congresso de Bruxellas não contar ainda trinta congressistas.

Na sala das festas da nossa Academia viam-se em intima e alegre convivencia, como de discipulos e amigos, alguns dos que por eguaes motivos se haviam encontrado já no Palacio das academias de Bruxellas, na sala do grande conselho nacional de Berne, no amphitheatro das solemnidades academicas da Christiania, assim como nos de Paris e de Linz. As apresentações de novos adherentes, e a participação de novos obreiros e camaradas, cheios de esperanza e de entusiasmo na communhão de idéas e de esforços para um ideal, na verdade sublime, não faziam, porém esquecer, de leve ao menos, a ausencia de uns, que a morte, sempre implacavel, já roubara, quando mais açêza era a sua fé no futuro e nos progressos moraes da humanidade, nem a de outros, que, a distancias enormes, enviavam amaveis saudações aos seus collegas aqui reunidos, com votos cordiaes pelos resultados felizes do congresso. Foram lembrados, entre outros, o chorado Dr. Rouchonnet, antigo presidente da Federação Helvetica, e verdadeira summidade scientifica, a quem a União deve carinhos inestimaveis, e os Drs. Prins e Lejeune de Bruxellas, e Fomitzky de S. Petersburg, seus fundadores e verdadeiros apóstolos, que, por cartas e telegrammas, souberam prevenir o proprio momento da abertura do congresso, unindo-se em espirito, já que a fatalidade das cousas os se-arava em pessoa, na occasião em que o nosso ministro da justiça, presidente de honra do Congresso, ia, á semelhança dos seus collegas das outras nações, inaugurar os seus trabalhos.

Não se descrevem facilmente as emoções variadissimas, as particularidades dos affectos, em conjunto de alegrias e de ternas saudades, que assaltavam no mesmo momento os corações dos que, presentes recordavam a um tempo as cruzadas da sciencia em que uns e outros tinham batalhado em regiões longiquas, e a perda inolvidavel dos que a morte arrebatou infelizmente como vencidos para sempre.

Os homens da sciencia são tambem e sobretudo homens de coração, affectos a indenticarem os seus sentimentos com os prazeres e soffrimentos da humanidade, a cujo ideal se votam, muitas vezes, á custa de sacrificios de não pequeno valor. Nas conquistas mais espinhosas do espirito, na solução dos problemas mais difficeis da vida social e moral, no isolamento do gabinete de estudo, como nas assembleas de maior expansão intellectual, o seu amor pela verdade não lhes oblitera as menores recordações de uma paisagem bella da natureza, de uma discussão viva e ardente em momentos de maior entusiasmo, dos carinhos dos amigos e das generosidades dos estranhos em todas as occasiões. Um pequeno incidente, ainda que insignificante pareça, e ás vezes uma nota melodiosa que lhes vibra duradoura na alma, representando-lhes o passado como miragem saudosa, e tentando os á procura de novos horizontes para os celebrarem no mesmo amplexo e com a mesma ou maior intensidade de sentimentos e de aspirações altruistas.

Christiania, Lisboa, ou Budapesth, são, por exemplo, aulas do mesmo curso, laboratorios das mesmas observações e experiencias, amphithea-

tros dos mesmos oradores e tribunas da mesma verdade. E quantas enormes fadigas, quantas generosas abnegações e quantos pesados sacrificios, emfim, pode alguém julgar compensados se attender sómente a uma ou outra demonstração de prazer e de regozijo?

A União Internacional de Direito Penal continuando as suas nobilissimas tradições de lucta contra a criminalidade, já estudando os elementos do crime, como facto concreto, no seu agente, e não como simples abstracção, já procurando descobrir os seus melhores meios de prevenção e repressão, veio desempenhar se este anno da sua altissima missão em Lisboa, pondo em discussão as questões da moderna sciencia penal já conhecidas do publico, as quaes designara para ordem do dia, como é costume, no congresso anterior. Se abstrahirmos de alguns poucos adherentes ao congresso, ainda que elementos assaz valiosos, a maioria compôz-se de membros da União, tanto nacionaes como estrangeiros, o que quer dizer que a sua organização nem foi arbitraria, nem simplesmente dependente de uma ou outra adhesão.

O congresso não deixou de ser a assemblea geral dos meabros da União, como tem sido nos demais annos, e isto basta para o não suppôr uma criação local do momento, que entre nós jamais conseguiria, como aliás conseguiu, um exito de alcance internacional.

No primeiro plano do grupo figuram verdadeiras notabilidades scientificas, como von Liszt, professor da Universidade de Halle a/s, Van Hamel, professor da Universidade de Amsterdam, e Léveillé, deputado e professor da faculdade de Direito de Paris. Foram tres hospedes sobremodo illustres, que por si sós garantiam de sobejo toda a consideração prestada ao congresso, assumindo as presidencias como representantes respectivamente da Alemanha, da Hollanda e da França. Eram ao mesmo tempo os principaes fundadores da União, que se achavam em Lisboa, com direito indiscutivel ao primado d'esta assemblea scientifica. Tambem ali se vê um outro distincto professor, embora membro mais moderno da União, o dr. Josip Siloveic, da faculdade de Direito de Zagreb, na Croacia, que presidiu á primeira sessão do congresso representando a Austria-Hungria.

Da França estiveram tambem o dr. Henri Joly, professor e decano honorario da faculdade de Direito de Dijon, que se vê no grupo, o dr. Cunisset-Carnot, procurador da Republica perante o tribunal de 2.<sup>a</sup> instancia da cidade de Dijon, o dr. Henri Prud'homme, substituto do procurador da Republica em Lille, os Drs. Gerard, Rohillard de Marigny, e Léveillé, filho, advogados em Paris, Mettrs, Charles Berthault, juiz do tribunal civil de Laon, L. Brueyre, membro do conselho superior da assistencia publica, o inconfundivel, nobre e sempre distincto Abbade Reynaud, director-esmolador da colonia correccional de Eysses (Lot & Garonne), o dr. Schmidt, funcionario superior do ministerio das colonias, e ainda o sympathico e infatigavel secretario geral do congresso, dr. A. Rivière, antigo magistrado, e secretario geral da sociedade das prisões de Paris.

Da Belgica vêem-se mr. Edmond Pauwels, de Anvers, um dos presidentes do congresso, e presidente da sociedade de protecção dos condemnados e das crianças moralmente abandonadas, e os Drs. Francart e Leroy, advogados.

Da Alemanha estão ainda os Drs. Schaps e Rosenfeld, magistrados, e dr. Mumm, advogado de Strasburgo; e da Croacia os Drs. Ernesto Miler, procurador regio, e Ivan Banjavcic, advogado.

A Hespanha está dignamente representada pelos seus illustres e conceituados professores, dr. Dorado, da Universidade de Salamanca, e dr. Torres Campos, da Universidade de Granada e um dos presidentes do congresso, pelo insigne tribuno e douto jurisconsulto e escriptor dr. Alvarez Talaáriz, de Valladolid, pelo illustrado director de la Carcel Modelo, dr. Fernando Cadalso, pelo sr. Alvarez Mariño, membro do conselho superior das prisões, e pelo dr. Villapardierna, advogado e secretario geral da real academia de jurisprudencia y legislación.

Do grupo portuguez e adherentes, estão, além dos Drs. Alves de Sá, presidente, Tavares de Medeiros, vice-presidente, e Benevides, secretario, muitos outros, advogados, professores e magistrados illustres, Drs. Vicente Monteiro, Bombarda, conselheiro Carlos José d'Oliveira, Franco de Castro, Gaetano Gonçalves, Mendes Martins, Bernardo Lucas, Afonso Costa, Ferraz de Macedo, Pinheiro Chagas, Azevedo e Silva, Trindade Coelho, Holtreman, Franco Frazão, E. de Vasconcellos, H. Alves de Sá, Leal, H. Midosi.

As senhoras são M.<sup>mas</sup> Pauwels, Schaps, Azevedo e Silva e irmã, faltando M.<sup>mas</sup> Prud'homme por não estar presente na sessão da manhã do dia 23.



S. A. O DUQUE DE AUMAË — FALLECIDO EM 6 DO CORRENTE

Pela mesma razão faltam igualmente alguns congressistas portuguezes, que não puderam ser prevenidos a tempo de entrarem no grupo photographico. Não estão os conselheiros Serpa Pimentel, Navarro de Paiva, Sousa Amado, drs. Silva Mattos, H. da Silva, Montenegro, Penha e Costa, Manuel d'Arriaga, Manel Duarte, Chrisostomo, etc.

Eis aqui, pois, reunidos mais uma vez para commemorarem de forma menos delevel o congresso de Lisboa, deixando gravadas com os seus nomes as sua physionomias, muitos dos que em outras occasiões terçavam entre si os argumentos e objecções da sciencia, como laminas finissimas, separando escolas por seus principios e applicações, estabelecendo e fixando correntes de opinião, segundo suas tendencias especiaes, e, em summa, discutindo com vigor e enthusiasmo, mas sempre do modo mais levantado, sereno e grave.

Dos relatorios apresentados sobre as questões do congresso, uns foram publicados no ultimo numero do *Boletim da União*, outros foram impressos em separado, em francez e allemão, sendo, porém, distribuidos á ultima hora por chegarem de Berlim com grande atraso.

O grupo portuguez, em que sobresahiu o seu illustre presidente com um notavel discurso, desempenhou-se na verdade de um modo bastante lisongeiro, relatando diversos assumptos, apresentando communicacões livres, e discutindo em todas as sessões. São de mencionar os trabalhos dos drs. Tavares de Medeiros e Henriques da Silva, sobre contravenções, dos drs. Bombarda e Mendes Martins sobre a responsabilidade moral e penal, e do dr. Franco Frasnó sobre a pena de degredo.

O trabalho do sr. Trindade Coelho sobre os crimes da liberdade da imprensa em Portugal, aliás muito apreciado em suas conclusões, como communicacão livre, não entrou nem podia entrar no programma do congresso, formulado com a necessaria antecipação sobre assumptos de maior generalidade sem feição puramente local. Isto explica bem o motivo porque tambem não entrou na discussão a quem faça idéa menos exata da marcha do Congresso. Mas, mesmo dentro do programma, algumas questões se podem julgar mais ou menos sacrificadas, ou por demasiado complexas, ou por absoluta falta de tempo para a sua inteira e conveniente discussão.

N'este caso estão a questão de responsabilidade, apesar de mais largamente tractada, a do

procedimento com os delinquentes menores, a da tentativa, e as modificacões a introduzir nos estatutos, dependentes ainda em parte de futuros congressos.

E' isto o que acontece sempre por maior que seja a vontade de o evitar.

Os congressistas estrangeiros retiraram-se plenamente satisfeitos admirando a cultura intellectual e scientifica dos seus collegas portuguezes, que julgaram muito alem da sua expectativa, na moderna evoluçao sciencia juridica, e summamente penhorados pela hospitalidade generosa e fidalga que receberam no nosso paiz, onde foram tambem admiravelmente suggestionados pelas suas bellezas naturaes e valiosos monumentos d'arte.

Pouco foi o tempo de que puderam dispór para mais largas apreciações de tudo quanto viram e admiraram, mas são gratas e profundas as impressões que levaram de Cintra, de Cascaes e do Mont'Estoril. Foram estas as ultimas e as que por ventura mais tocaram os seus coraçoes amantissimos, como que dominados inteiramente pelo sol esplendido que dourava os nossos campos, e pelo remate das festas, o *clou* do congresso, como lhe chamaram os mais expansivos, alludindo á recepção originalmente principesca e cavalheirosa do sr. Carlos Anjos na sua amenissima e encantadora vivenda do Mont'Estoril, onde elles não sabiam que mais rotar, se a amabilidade altamente penhorante e despretenciosa do dono da casa, se a accumulacão das maravilhas, que os cercavam por toda a parte com profusão de luz electrica e de perfumes de flores.

O banquete, de lista á portugueza, veio accentuar o cunho nacional da hospedagem por occasião de um dos mais sympathicos certamens internacionaes.

Sahiram, pois contentes e satisfeitos, e satisfeitos devemos de nós ficar tambem, e sobretudo a Cidade de Lisboa, que foi honrada pelo Congresso e se honrou a si mesma mais uma vez, e a Commissão do grupo nacional, que não soube poupar esforços de especie nenhuma, no meio do desalento de alguns e da indifferença de muitos.

DR. JOÃO JACINTHO TAVARES DE MEDEIROS

De entre o grupo de congressistas que fica descripto no artigo precedente, destacamos o sr. dr.



DR. JOÃO JACINTHO TAVARES DE MEDEIROS

VICE-PRESIDENTE DO GRUPO PORTUGUEZ DO CONGRESSO DE DIREITO PENAL.

## GRUPO DO CONGRESSO DE DIREITO PENAL



F. de Castro, C. Gonçalves, Marigny, Taladrin, T. Coelho, M. Chagas, F. Prazão, Vasconcellos, Rosenfeld, Martino, H. A. de Sá, Francart, Lina, Midosi,  
V. Monteiro, T. Campos, Miler, Durado, F. Macêdo, Sobars, Holtzman, Leveillé, Ila, Honerides, T. Monteiro, Leroy, Villapadierna, Martins, A. Silva, Bombarda, Joly, Riviere, B. Lucas, A. Costa, Cadalso, Panwala  
C. Oliveira, Reynaud, M<sup>me</sup> A. Silva, M<sup>me</sup> Chaps, Leveillé, M<sup>me</sup> Pauvels, Schmidt, M<sup>me</sup> Monteiro, V. Hamel, V. Liert, A. de Sá, Storie, Mumm, Danjavick.

(Cópia de uma photographia do sr. Camacho)

Tavares de Medeiros como o que mais influíu e trabalhou para que se reunisse em Lisboa o congresso do direito penal.

É o sr. dr. João Jacintho Tavares de Medeiros um dos mais distintos ornamentos do fóro português, como foi dos mais laureados estudantes da Universidade de Coimbra, onde se doutorou, em 1876, depois de um curso em que obteve primeiras classificações em todos os annos.

Natural da ilha de S. Miguel, veio estabelecer-se em Lisboa, onde abriu banca de advogado ha vinte annos, sendo um dos mais conceituados da capital, e muito conhecido no estrangeiro pelas suas relações com os homens mais eminentes da jurisprudência.

Esta circumstancia permittiu-lhe ser um dos fundadores da união portugueza do congresso de Direito Penal e o unico membro portuguez d'este congresso que tem ido assistir ás suas sessões em Bruxellas, Berne e Christiania. Pela mesma razão foi o transportador da União a Portugal e que propoz diferentes membros portuguezes para fazerem parte do congresso, sendo a elle que o Comité, central se dirigiu, como seu representante, em Lisboa, para se levar a effeito a reunião do congresso n'esta cidade.

N'este elevado proposito o sr. dr. Tavares de Medeiros, propoz á Associação dos Advogados que fizesse os respectivos convites e obteve do governo a promessa de fornecer casa para a reunião do congresso e mais auxilio para a recepção dos congressistas estrangeiros.

Do modo brilhante como foi feita essa recepção e da ordem e elevação com que correram os trabalhos do congresso já ficou dita nos artigos precedentes.

O sr. dr. Tavares de Medeiros foi o organisador e secretario geral do Congresso Juridico de Lisboa, em 1889 e tomou parte importante no Congresso Juridico de Madrid, de 1892, de que foi um dos seus presidentes, e pelo que lhe foi dada a grã-cruz de Isabel a Catholica, tendo sido agraciado, em 1889, pelo governo hespanhol com a commenda de numero extraordinario de Carlos III.

É membro do congresso de Antropologia Criminal e do Instituto de Sociologia de Paris. Socio do Instituto de Coimbra, da Academia Real das Sciencias de Lisboa e da Real Academia de Jurisprudencia e Legislação de Madrid etc. etc.

Varios são os trabalhos impressos do sr. dr. Tavares de Medeiros de que não é o menos importante a sua Memoria sobre Contravenções apresentada ao ultimo congresso.

## COSTUMES DA ANATOLIA

As vezes não são as regiões mais extensas que apresentam variedade maior nos costumes dos seus habitantes.

A Anatólia é uma região da Turquia da Asia, que, junto á Caramania e Armenia, forma uma península que se estende pelo mar Mediterraneo e mar Negro, até ao mar de Marmara e Archipelago. Ha aqui um grande numero de provincias, meio arabes, meio turcas, onde os costumes divergem de terra para terra. D'um dos mais caracteristicos dá ideia a nossa estampa.

## A Covilhã e a Industria dos Lanificios

### II

(Continuado do n.º antecedente)

Por decreto de 25 de janeiro de 1781, a administração d'estas fabricas passou para a Junta da Administração das fabricas do reino, e por saldo de contas as fabricas da Covilhã e Fundão deviam ao cofre dos pharoes 167:456:202 réis, e ao cofre do Donativo 157:472:886 réis, saldos que se foram amortizando, ou diminuindo, pelos successivos lucros das referidas fabricas. O seu capital, n'esta epocha, computou-se pelos inventarios n'um total de 301:350:942 réis. Deve ainda somar-se as quantias retiradas do cofre do Donativo, á lista dos subsidios e empréstimos, que d'elle sahiram em beneficio das fabricas.

Este total de 301:350:942 foi comprehendido pela Junta da Administração das fabricas no seu balanço de 1788, entre as mais addições do seu passivo; e depois passou para os particulares a quem se transmittiram, as pagarem, menos os edificios, existentes por conta da fazenda real, e deviam ter melhorado de valor pelos mesmos

particulares interessados na forma das condições do seu contracto.

Sempre se disse que estas fabricas deram lucro, o que assim devia ser; bastando para lhes assegurar bons interesses os fardamentos da tropa e dos creados da Casa Real, que faziam um objecto de dezeseis mil arrobas de lã, por anno, que n'elle se empregaram. A respeito da fabrica de Portalegre, vemos isso confirmado por uma conta dada á Junta do Commercio pelo seu contador Antonio Pedro Avenente, em 26 de janeiro de 1782, o qual passando por commissão particular aquella cidade, para examinar a fabrica, formou, analysando certas contas d'ella, uma geral comprehensiva de todo o tempo da administração da Junta do Commercio, outra particular dos tres annos de 1778, 1779, e 1780 por ordem de Martinho de Mello e Castro, então ministro, e achou pela conta geral, que sendo a fabrica debitada por todas as despesas de qualquer natureza com ella feitas desde o seu principio e creditada pelo producto de todas as suas manufacturas, e mais rendimentos, e no valor dos seus bens, e effeitos existentes tinha dado de lucro 14:010:511 réis; achou pela conta particular dos referidos tres annos, de que pretendia ser informado Martinho de Mello e Castro, ter sido n'elles o lucro 18:627:530 réis. Estes lucros, como notou o mesmo contador, eram muito diminutos em comparação do que deviam ser d'alli em diante, pela grande diminuição no custo das obras, moveis, transportes de mestres e officiaes e outras despesas geraes, sempre muito mais dispendiosas no principio do que no progresso de similhantes estabelecimentos, com que se tinha augmentado muito o debito, ao mesmo tempo que a economia necessaria para acudir a tudo isso tinha feito restringir a laboração, e por consequencia as utilidades.

Sob a administração da Junta das Fabricas, ainda que não deram os grandes lucros que podiam esperar-se, ellas prosperaram; não darem perda já era prosperar. A de Portalegre até 29 de março de 1788, em que por alvará d'esta data foi transmittida a Anselmo José da Cruz Sobral e Geraldo Wenceslau Braacamp d'Almeida Castello Branco, deu de lucro 50:954:289 réis. A da Covilhã, até que por alvará de 3 de junho do mesmo anno foi transferida a Antonio José Ferreira e socios, deu de lucros 18:873:429 réis.

Esta sociedade adquiriu também mais tarde a de Portalegre.

As fabricas da Covilhã e do Fundão prosperaram bastante nas mãos dos seus proprietarios, cujos interesses se vieram a dividir por outros socios; porém esta prosperidade veio a perder-se com a desastrosa e assoladora invasão dos francezes, em 1807; sendo um novo obstaculo para o seu estabelecimento a mal entendida redução dos direitos dos lanificios inglezes para 15 por cento, em consequencia do tratado de 1810. A fabrica da Covilhã esteve fechada por muitos annos; na de Portalegre renovou-se alguma laboração porém precaria, e languida, o que tornou necessaria a intervenção do governo.

Ouvidos os antigos proprietarios e regulados por conveniente accordo os seus direitos e as suas responsabilidades, foi a fabrica transmittida a Antonio Pessoa de Amorim, por auto de arrematação confirmado por determinação das côrtes geraes de 31 de março de 1821, communicada á Real Junta do Commercio por aviso de 5 de abril do mesmo anno; e a de Portalegre á viuva Larcher, também por auto de arrematação ordenada pela Resolução de 21 de janeiro de 1822, tomada em Consulta da Real Junta do Commercio do mesmo mez e anno.

Não só as fabricas reaes, mas também as particulares, fizeram consideraveis progressos; e mesmo depois da invasão franceza se conseguiram alguns melhoramentos com a introdução de novas machinas de cardar e fiar lã, primeiro na fabrica de Plácido Lino dos Santos da cidade do Porto, e depois na de José de Larcher, e na fabrica Real de Portalegre, na dos herdeiros de Simão Pereira, da Covilhã, e na do já indicado Antonio Pessoa de Amorim.

Ainda no seculo passado, a industria dos lanificios não possuia machinas para preparar, fiar e tecer as lãs, sendo todo o trabalho completamente manual.

Datam de 1808-1810 os descobrimentos dos primeiros machinismos na Inglaterra o que logo garantiu grandes vantagens a esse paiz.

Com os descobrimentos da machina coincide a quebra do systema protector, usado em Portugal, pelo tratado de 1810, o que aniquillou a industria

nacional, que só muito a custo resurgiu na epocha da restauração de D. Maria II, contribuindo para que se reorganisassem algumas fabricas.

Mas não durou muito este estado lisonjeiro. Veio logo o decreto que reduziu os direitos de importação a 15 % *ad valorem* destruindo o que tantos esforços custara.

Em 1837, a nova pauta deu um grande impulso á industria dos lanificios com os seus direitos protectores, de forma que successivamente se fundaram consideraveis estabelecimentos de lanificios em muitos logares e especialmente em Lisboa, Portalegre, Covilhã, Manteigas, Trinta, Amarante, Porto e Alemquer.

Quanto ao systema protector, pôde-se afirmar que os elementos existentes da nossa industria fabril foram definidos e assentes por Passos Manuel, um dos maiores heroes da liberdade do trabalho nacional, que como homem do seu seculo, deu estabilidade á nossa industria por meio da protecção fundada sensata e discretamente nos direitos de importação e não na imposição despotica de leis prohibitivas.

Poucas nações conservam na historia da tece lagem da lã factos tão notaveis, como os que são tradicionaes na Covilhã, como os que fizeram figurar Portalegre e as suas lãs nos sumptuosos festejos offerecidos por Coimbra a um dos antigos reis portuguezes, e como os que attestam Gouveia, Guarda e outros logares de extraordinario labor.

No tempo, em que estas fabricas prosperaram, fabricavam-se: pannos, sellezias, casimiras, drogues, baetões, baetas, canelas, sarafinas, saetas, sarjas, estamenbas, camelões, barreganas, crepes, rivalizando com os similares estrangeiros; fabricando se ainda nos principios d'este seculo excellentes briches, saragoças, pannos grossos, entre finos e alguns superfinos.

Além d'estes productos comecaram apparecendo no decorrer dos annos as burelinas, surubeques, casimiras, mesclas, castores, meias e chales, e muitos outros artefactos que no seguimento de este estudo teremos occasião de mencionar.

Hoje, o fabrico do burel está reduzido á industria caseira, e o surubeque, uma especie de meia casimira, é fabricado nos fabricas.

(Continua)

Esteves Pereira.

## FESTA NA ALDEIA

Domingo. Festa na aldeia.

Senhora Santa Luzia,  
Lavada do vento norte,  
Quem n'ella tem seus amores  
Não pôde ter melhor sorte.

Deveria de ser aquella terra, se não fora tão occulta, achar-se por detraz de tanta serra florida, a predilecta dos velhos poetas lyricos para logar de acção de ingeniuos romances de amor. Como debaixo d'aquellas grandes arvores que a circumdam, por entre aquellas moitas em flor, n'aquelles correjos matusados, cantariam bem suas queixas os pastores de Bernardim Ribeiro! Não ha paisagem mais serena, luz mais branda.

O pôr do sol pinta aquella região toda de azul e côr de rosa, côr de rosa nos claros, azul nas sombras.

Vai-se adeantando o crepusculo e uma dulcissima luz violeta, combinação das duas côres pouco a pouco fundindo se, tinge os montes em cujas cristas se recorta miudamente, n'um fundo d'ouro rotilante a esverdear se no alto, a folhagem escura das azinheiras. N'um cabeço destaca-se a alvura d'um moinho muito caído, alegre, com as suas grandes azas brancas, cheias de vida, como esses que d'antes animavam os outeiros dos arredores de Lisboa e que hoje, perdidas as velas, rotos os telhados, arruinadas as paredes, são lugubres como esqueletos de grandes passaros.

O tempo não vai máo, apesar das chuvas terem vindo um pouco tarde. Espera-se um anno bom de lande ou boleta e o candeio das oliveiras promete uma fortuna aos lavradores.

Estamos em principios de maio. Os trabalhos estão concluidos. Será o que nosso Senhor quizer. Está posta a mesa de Deus, como dizem os algarvios.

E por todos esses campos, pelos correjos e barrancos onde se escondem os lobos, pelas mesas extensas onde voam borboletas aos pares que saem agora dos casulos, nos altos ramos das arvores onde chilreiam milhares de passarinhos, tudo são flores; n'uma variedade que deslumbra. Teem as mil tintas d'esse arco-íres, que, ha meia

\* Nas Noções Economicas este lucro é de 56.954.289 réis.

duzia de dias, depois de muitas horas de chuva, veio pintar as nuvens do céu com as cores que achou na terra.

Durante uma d'essas noites o temporal foi medonho; mas o céu não nos deu água, deu-nos trigo. Nada no mundo é tão grato como a terra á chuva bendita.

Maio! Maio!

Passam zunindo os enxames das abelhas. E' ver onde ellas poam que o mel e a ceva são riqueza. Prompto o cortiço é pol-o ao pé d'ellas, assobiando devagarinho, batendo na cortiça duas pedras. Lá sobe todo o exercito atraz da abelha mestra! Andam as outras sobre o rosmão e os zangões lá no alto de respingadeira! Atrai-lhes a gente uma pedra e veem aos seis e aos dez atraz d'ella! Pobres zangões que só servem para amar e são victimas são de seus amores!

E' um passeio lindo n'este tempo atravessar o Arzil, onde azinheiras muito velhas, que os trisavós viram nascer, se abraçam umas ás outras pelas copas, aninham passaros, charnecos, cucos, peças e poupas, dão á terra uma sombra fresca. Mais para a esquerda são os sobreiros com seus troncos vermelhos, descortçados, dando-se bem a terrenos agrestes, não deixando medrar no circulo de sua sombra mais que o matto, por aqui tão variado e lindo, estevas, urzes, medronheiros, murta, lentiscos, daroeiras e, por entre a variedade dos verdes, o rosmão devoto perfumando o ar com as suas flores roxas como a túnica do Senhor dos Passos.

Subindo á Grimeá, até á mesa, um dos pontos mais altos d'esta parte da provincia, a vista alarga-se e ao longe, muito ao longe, entre um rasgão das montanhas, vê-se nos dias bonitos uma mancha azul, que mal se distingue no céu, e é um pedaço da serra de Monchique.

Vai o caminho por entre os oliveiros e, mal se entra no azinhal da Corte Preta, vê-se do outro lado do valle, que vai alargando, alargando, ali mesmo junto á vargem, a aldeiasinha branca, Santa Luzia, lavada do vento norte.

O primeiro sentimento que nos perfuma a alma é o da saudade. Saudades de quê em frente d'uma paisagem nunca vista? Impressão misteriosa, inexplicavel! Vê-se bem que se pôde ser feliz á sombra d'aquelles montes que parecem tocados pelo pincel d'um artista sentimental, n'uma d'aquellas casitas semeadas pela encosta, levando a vida inteira, resumindo o mundo apenas até onde se oia o sino d'aquella torre alvejante, que, no dia em que ali fui pela primeira vez tocava então alegremente á missa entre revoadas de andorinhas.

Será talvez a saudade dos muitos annos perdidos no máo ambiente das cidades; talvez de algum sonho bom de infancia apagado nas brumas da memoria somnolenta. E' que ha uns montes assim, em velhos quadros pintados em cobre obra de bons artistas, infantilmente recortando cada folha do arvoredo em céu de mística serenidade. Vemos em sonhos paisagens que algures devem existir. Aquelle deveria ter sido a paisagem dos meus sonhos ingenuos de criança.

Não sei. Fez-me saudades.

Descida a encosta, atravessado o valle, são mais dois passos, pé aqui, pé ali, pelas ruas traçadas ao acaso, um pedregulho, outro pedregulho, eis-nos em casa do sr. Antonio Gonçalves, regedor da freguezia.

Que bella alegria, aquella manhã, na casa exactamente do tamanho para n'ella poder caber a felicidade!

Era a familia em peso em volta da pequenina, o pae, a mãe, o avô, a avó, as tias, os tios, a bisavó velhinha, tia Louca, toda contente, a aquecer-se á luz d'aquelles olhos bonitos, como uma cotovia ao sol da madrugada! Vestiam-a para a procissão. E era mais um laço, mais um brinco, mais um cordão, mais um enfeite; agora arranjar um caracol dos cabellinhos, um refolho no vestido, uma fita nas ligas. E ella, a Maria Emilia, com os seus olhos muito grandes, a boquinha muito seria, toda quieta, toda grave, cheia do seu papel, sabendo a responsabilidade d'aquelle mister de anjinho de procissão, tão lindo como um anjo do céu!

Esperava-se o Prior que fóra dizer missa no Valle. As freguezias são pobresinhas; o padre, coitado, tem de accumular.

Mas o sino deu signal. Já todos esperavam conversando no adro ou na sacristia. Vamos á missa. Entram as moças com seus lenços de cores variadas.

Não admira que os rapazes aqui sejam poetas, que todos cantem o amor. E' que as mulheres são lindas, tem a frescura das flores d'essos valles, a luz dos olhos serena como o crepusculo nos azinhas, são altas, esbeltas, finas como princezas disfarçadas.

E' por isso que elles ás vezes moem comsigo a paixão e não ousam dizer-lhes nada. Sonham como os pastores das bucolicas, quando dormem a folga debaixo das grandes copas; seguem com a vista os casacos dos passaros que andam em seus amores; de noite cantam ás estrelas.

A distancia e a lonjura,  
Onde o sentido caminha,  
Onde quer que vá parar  
Isso ninguém adivinha.

E, para maior encanto, muitas d'ellas são optimas cantadeiras. Era ouvil-as depois da missa, atraz da procissão, quando esta trepou pelas ruas ingremes da aldeia, passar por debaixo dos arcos enfeitados com flores e lenços como bandeiras. Os homens cantavam a duas vozes a alleluia.

Resuscitou o nosso Deus!  
Oláluiah! Oláluiah! Oláluiah!

A procissão ia subindo, descendo, o pallio pobresinho levado pelos primeiros da terra, obrigando a custodia. A's portas as mulheres e as criancinhas ajoelhavam. Em todas as janellas, dos perfumadores de barro ou de metal subia uma columna mansinha de fumo. O chão da aldeia era todo juncado de verduras e flores. Que balsamos santos a erguerem-se na atmosphera! E lá adiante, de junto do pallio, a voz suavissima das mulheres respondendo na mesma melopéa:

Resuscitou o nosso Deus!  
Oláluiah! Oláluiah!

Em todas as casas, algumas tão pobres, a mesma limpeza sempre, o encanto d'esta provincia, linhos muito alvos, paredes muito caiadas.

Depois da festa um bello jantar em familia, um vinho alegre e fresco das uvas d'essas vinhas. Depois o baile, um lindo baile de roda.

E durante tres ou quatro horas, até que o sol começou baixando, não se cantou ali senão o amor.

Os pares andavam sereramente em volta da casa, que a dança quasi não é dança, o que ali mais vale é o verso e a musica.

Confesso que nunca tive  
Amor leal a ninguém.  
Só para ti se me abriram  
As portas do querer bem.

Que lindas raparigas ali baixaram, e come elles contentes, com seu raminho verde cor da esperança, atraz da orelha, fitas verdes nos sapatos lhes respondiam! atiram o primeiro verso da quadra ainda nos ultimos compassos da outra, musica cheia de originalidade e belleza, que apenas se sabe cantar no Alemtejo.

O sol vinha a descer, entravam as sombras na casa. Uma por uma foram abalando as cantadeiras. Eram horas de metter a caminho. Um adeus sentido e grato, vamos por esses azinhaes, por essa charneca fóra.

Que multidão de flores bravas! Quasi todas ellas com cinco petalas, o numero das chagas de Christo. E' a esteva, o matto branco, as malvas, rosas, rosellas, sargaço e sargacinho.

Que paz, que serenidade n'aquella charneca toda! Creio que tudo ali dormia menos o meu pensamento. Apenas, muito ao longe, soavam umas esquilas, ladrava algum cão de gado, um mocho piava, cantava algum grillo no matto rogado para fazer moréas.

A noite descera de todo. Era tudo, negro em volta. Profunda escuridão no azinhal. Umas alvuras: um fio d'agua entre os juncos em que se reflectia uma estrella, uma papoila de esteva, uma nodosa de musgo n'um tronco velho. Entre as arvores desaparecendo como um fogo fatuo, a fogueira d'uma malhada n'um cabeço a leguas de distancia.

E a rever o meu dia e a pensar em toda essa boa gente com quem estou vivendo e vou talvez viver n'uma vida de trabalho santo, sentia dentro de mim como um murmúrio, uma toada lenta, um ecco, uma recordação:

Oláluiah! Oláluiah!

João da Canara.

## BOHEMIA ANTIGA

Não lhe pretendo fazer reclamo porque o não precisa. Quero apenas dar um apertado abraço de reconhecimento ao meu velho amigo Thomaz de

Mello, pelas deliciosas horas de leitura amena que me fez passar.

E um bom livro que nos encanta a alma, bello e desprezencioso como o espirito elevado que o escreveu. Notas das saudosas recordações da mocidade revolta, voluptuosa e aventureira de ha quarenta annos, que se repercutem como um echo suavissimo no mais recondito do nosso coração.

Paginas que não são para todos lerem pois só podem ser comprehendidas por quem tiver a fortuna de já ter sido novo, ou para melhor dizer, a de o ter sabido ser.

Obra que até está livre das importunas ferroadas, da critica maçadora e insípida dos velhos catturas, que fogem espavoridos ao ler-lhe o titulo — *Bohemia Antiga* — com medo de a ver resurgir em todo o vigor de outros tempos, imprimindo-lhes terríveis cochichadas nos inviolaveis chapeos lustrosos, acompanhadas das gargalhadas estrondosas da troça mais estonteadora.

Porque um livro com tal titulo pode e deve ser incorrecto á sua vontade, como tambem o foi essa bohemia, e se o não fosse perderia muito do seu valor.

E isto que eu entendo e foi tambem assim que o entendeu o seu auctor.

Escreveu o seu livro como se estivesse contando aquellas scenas, nos antigos cavacos matutinos, encostado ás esquinas das ruas da *Baixa*, rodeado de bons amigos, alegres e entusiastas que o escutavam attentos, admirando as raras qualidades d'aquelle grande espirito, na concentração intima de uma verdadeira adoração.

Entre esses seus idolatras de ha vinte e tantos annos figurava, digo-o com orgulho, o velho triste e valetudinario, que n'este momento para aqui está cheio de saudades a rabiscar estas linhas.

Dos outros companheiros d'essas alegres noites de bohemia, já poucos restam. Muitos d'elles morreram como Guimarães Fonseca, Alves Branco, e João de Deus, outros estão longe, como Bettencourt Rodrigues e Fernando Leal; outros tristes e acabados como Affonso Leite, Cesar de Lacerda, Alfredo Sarmiento e eu.

Ler agora este livro é o mesmo que estar a ouvir Thomaz de Mello n'essas noites divinas.

Ha porém occasiões em que elle se esquece do que está fazendo, e se eleva á altura do grande litterato que é. Nesses momentos as paginas sahem-lhe perfectas e esplendidamente buriladas, inspiradas pela saudade, arrancadas do intimo do seu peito e escriptas com o estillado da dor do seu grande coração.

Taes são as do dialogo com Manuel Tavares; as da chegada á Boa Morte; e as do fim da Viagem a Sevilha; que nos arrancam lagrimas sinceras e nos deixam por vezes a alma envolta n'uma tristeza amargurada.

E que Thomaz de Mello se tem sido dos muitos que em Portugal teem sabido rit, tem tambem sido dos poucos que teem sabido chorar.

Valente e dotado de uma grande coragem, que, ainda hoje, apesar de velho e doente, não deixaria sem immediata e severa correccão a mais leve offensa, alegre e des preocupado, n'uma eterna bohemia que é o caracteristico da sua vida, ninguém dirá que está alli uma alma de creança, d'uma sensibilidade tão feminina que em minha vida só encontrei outra igual á d'elle, a de Guimarães Fonseca.

Mas, deixemos estas cousas, que tocar nas saudades é bolir com o fogo.

O elogio da *Bohemia Antiga* pode ser feito n'estas palavras:

E um livro que o leitor devora com a soffreguidão d'um Tântalo e a cada pagina que volta se lembra com pena do pouco que lhe vai faltando para o acabar, o que nos fez suggerir esta lei:

E sempre um grande livro, aquelle que o leitor achar pequeno.

Libanio Baptista Ferreira.



## REVISTA POLITICA

Temos feito maior ausencia que o costume, mas os nossos leitores não tem perdido nada com a falta da nossa praça, porque nenhuma das boas novas lhe podiamos dar, e antes pelo contrario.

As eleições realisaram-se no dia 2 d'este mez, como estava marcado, e o resultado da urna é conhecido como é sempre o resultado de todas as eleições. Grande maioria para o governo, um maior ou menor numero de escandalos eleitoraes

e mais uns tantos compromissos e encargos para o thesouro para recompensar serviços, para contentar afilhados.

Política comestinha esta com que vamos navegando até dar com o casco nos cachoupos, em que decerto os pilotos não terão a coragem de se deixarem ir pela agua abaixo, como qualquer commandante firme no seu posto de honra.

Quantos exemplos se poderiam apontar de alguns que pareciam ter sosobrado a valer, e afinal apparecem lepidos e esportos, como se nada tivesse sido com elles, fallando de polpa, como sujeitos serios e limpos que até parece que nunca foram outra coisa.

Quantos, louvado Deus!

Como iamoz dizendo as novidades são ruins e velhas. O cambio, que no principio d'este anno se considerava deprimente a 37, tem chegado nos ultimos dias a 34 no que se vai aproximando do que previamos na ultima revista, de que as libras ainda viriam a dobrar os pés com a cabeça.

A hypotheca dos caminhos de ferro do Estado já não é segredo para ninguém, apesar das folhas officiosas do governo o terem desmentido acerca de um mez.

Agora intertem-se a imaginação indigena com a enorme fortuna que advirá de um empréstimo de 50000, cincoenta mil contos lêem bem, com que vai tudo ficar a nadar em dinheiro por estes annos mais proximos.

Não duvidamos que alguém fique a nadar em dinheiro, mas se o tal empréstimo lazir tanto como o celebre empréstimo dos tabacos é de esperar que o paiz fique com mais encargos e menos os seus caminhos de ferro, entregues nas mãos de estrangeiros.

Depois dos caminhos de ferro caberá a vez ás alfandegas, depois as colonias e por fim este bello sol creador irá também para o prego, passando a pagar-se imposto por elle nos fertilizar as terras e nos aquecer no inverno.

Todos os expedientes são bons, menos fomentar a riqueza da terra que é o unico thesouro dos povos e do mundo.

Nunca podemos comprehender porque este paiz é pobre, quando o seu solo é tão rico, o seu sol tão creador e os seus dominios tão vastos onde se occultam riquezas que são a cubiça dos outros povos.

Como é que um paiz assim pôde ser pobre a não ser que os seus habitantes sejam indolentes e ignorantes?

D'onde se esperam riquezas que não sejam da terra?

Tudo só consiste em ter juizo, os que governam e os governados.

Vistas mais largas dos governos, desoprimidos das pressões de uma politica egoista e estreita, mais iniciativa dos governados, e a riqueza appareceria, porque ella está em toda a parte que estiver o trabalho e a intelligencia.

Ha cerca de trinta annos que o paiz não creava pão sufficiente para o seu consumo e os sabios economistas de cá, não lhes dava isso cuidado porque havia o vinho para pagar o trigo.

Mas chegou um dia em que não houve vinho, e desde esse dia principiou o ouro a sahir do paiz em mais larga escala para pagar o pão.

Os economistas continuaram impassiveis. O dinheiro que vinha do Brazil e os empréstimos supririam o desfalque.

Uns annos de melhores vindimas e de mais exportação, trouxeram algum ouro ao paiz; mas a exportação diminuiu consideravelme porque os paizes que importavam voltaram a ter vinho seu, enquanto que a importação de trigo era cada vez maior.

Então redobrou-se a furia dos empréstimos para saldar os deficits do thesouro, até que o credito se esgotou, como secaram as fontes de dinheiro do Brazil.

Os economistas barafustaram, não sabiam como arranjar dinheiro e depois de muito cogitar é que descobriram que era preciso cultivar a terra, arranjar trigo para casa, reconhecendo que é muito melhor ter trigo e ter vinho do que só uma d'estas coisas.

Quando se tiverem esgotado os ultimos recursos cultivar-se-ha então a terra e se o fizermos por conta propria não será mau, visto que se vai dar o primeiro passo para a administração estrangeira.

Não terminaremos sem uma declaração que temos por conveniente fazer e é a de que apparecendo ultimamente um publicista que se assigna João Verdades, com que nada temos, nem sequer a honra de o conhecer, passará d'oje em diante a assignar estas revistas

João Verdadeiro.



Recebemos e agradecemos

A Lyra da Sciencia, poemeto.— Typ. «Rangel» Bastora, 1897.

Este poemeto, de que o sr. Paulino Dias, seu auctor, nos offerceu dois exemplares, distingue-se notavelmente entre todas as poesias emanadas do Oriente; não se mostra impregnado d'aquelle estranho sabor indiano que torna o verso brando



COSTUMES DA ANATOLIA

e flexivel. Na Lyra da Sciencia, os versos alexandrinos tem extraordinaria virilidade, um masculino vigor, proprio de uma lyra de aço, em que as flores se intretecem, mas não tolhem as amplas vibrações das cordas metallicas.

O poemeto divide-se em prologo, lyra da sciencia e epilogo.

Destaquemos do prologo uma conceituosa quadra que nos define o ideal do poeta:

Seja a Lyra da Sciencia o grito da victoria,  
um grito que traduza os feitos triumphantes  
d'um seculo que avança em turbilhões de gloria,  
d'um seculo que produz cohortes de gigantes.

Não podemos deixar de applaudir o novel cantor quando diz, insurgindo-se:

Só a Poesia se estagna, a Poesia só sciencia  
no parnasiano azul d'um carunchoso priama;  
renegada da luz, impassivel na crenga,  
jaz, nevropathia umbelle, estagnada e suspensa  
na esthetica senil de idéas pessimistas.  
Os poetas actuaes, monomanos puristas,  
eccentricos, febris, velhos na flor da idade,  
fogem do realismo, esquivam-se á verdade,  
lançando sobre o azul de uma forma futil,  
as noubas colossaes d'um idealismo inutil.

E prestes a terminar, diz com singular energia:

Vamos de fonte erguida ao grande capitulo  
das glorias immortaes que o mundo divinisa;  
aonde ao genio espera um luminoso sollo,  
e onde o trabalho enterra a ultima balisa,

Como é bello cantar as grandes maravilhas da sciencia e da industria! Como é nobre deixar madrigaes e lyrismos sedicões para em vigorosas estrophes entoar um hymno de louvor ao trabalho, e como grande o epico dizer-lhe:

Para cantar-vos, mente ás musas dada.

O sr. Paulino Dias dirige-se, pois, a um ideal assaz levantado, para o que não lhe fallecem qualidades de estrondoso exito.

Souvenir de Lisboa — O Asylo de Mendicidade Portugal — Impressões de uma visita ao referido asylo.

Formosissimo album com grande numero de nitidas phototypias de muitas das installações, vistas, etc., do asylo, acompanhadas de uma succinta descripção do edificio, seus fins e meios.

Com o elegante album recebemos a carta abaixo, do illustre provedor, cujas amaveis expressões muito agradecemos e que são filhas da subida fidelguia de caracter que exorna tão prestimoso cavalheiro:

«Com o levantado pensamento de pôr em evidencia os relevantes serviços prestados á capital pelo Asylo de Mendicidade e o alto valor d'esta pia instituição, mandou um bemfeitor, anonymo, imprimir sob o titulo de *Souvenir de Lisboa* um album illustrado, dedicado ao Asylo para, em favor das suas mais instantes necessidades, ser vendido pela modica quantia de 500 réis, devendo, em harmonia com os desejos manifestados pelo mesmo bemfeitor, ser offercidos alguns exemplares do referido album ás pessoas caridosas, que, de qualquer modo tenham concorrido para a prosperidade e engrandecimento do Asylo.

«Julgo interpretar bem o pensamento do alludido bemfeitor, offerecendo a v. . . um exemplar do album, na sua qualidade de director do OCCIDENTE.

«A extrema correcção com que no OCCIDENTE tem sido tratados os assumptos relativos ao Asylo de Mendicidade e as referencias sempre feitas em termos altamente lisongeiros aos actos da minha administração, impoem-me o dever de manifestar também por este modo o meu grande reconhecimento e a minha subida consideração por aquelles que, como v. . . honram a imprensa jornalística, contribuindo para firmar os bons credits de uma instituição a que a capital tanto deve.

«Deus Guarde a v. . . Secretaria do Asylo de Mendicidade, 31 de março de 1897.

Sr. Director do OCCIDENTE.

O Provedor,

Alfredo de Queiroz Guedes.

Agradecendo a offerta, não podemos deixar de afirmar ao leitor que o album é um verdadeiro mimo digno de todas as salas, e de um preço extremamente barato.

## A CAMPANHA D'AFRICA

CONTADA POR UM SARGENTO

EDIÇÃO POPULAR

Illustrada com 40 gravuras  
retratos dos heroes da campanha, vistas de terras  
d'Africa, combates, etc

Preço 300 réis, pelo correio 320 réis  
Com uma linda capa de percaline, 500 réis

Segunda edição

PEDIDOS À EMPRESA DO OCCIDENTE  
LARGO DO POÇO NOVO  
LISBOA

O OCCIDENTE acha-se á venda em Paris  
na livraria Boyveau & Chevillet — Rue de  
la Banque, 22 — (Près la Bourse).

Reservados todos os direitos de propriedade  
artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 39.